

## **Pelos portões das escolas adentram Samuéis, Cauãs, Hiagos...**

Todas as manhãs, tenho o hábito de buscar informações em sites de notícias. Leio as manchetes e vou selecionando as que julgo mais relevantes. Nesses novos tempos, e com a velocidade de produção de notícias, esse refinamento é necessário para evitar a contaminação por informações desnecessárias, também conhecidas como “fake news”.

A reportagem do dia que prendeu a minha atenção falava sobre os índices de desigualdade social, e que o Brasil passou a ocupar a nona posição nesse critério. Notícia triste! O texto ainda dizia que entre os 10% mais pobres houve uma perda de 17,5% em participação, enquanto para o mesmo percentual mais rico não houve alteração. Meio que num deboche, veio à minha memória uma música bastante conhecida na década de 90, cujos versos dizem assim:

Onde o rico cada vez fica mais rico  
E o pobre cada vez fica mais pobre  
E o motivo todo mundo já conhece  
É que o de cima sobe e o de baixo desce

(Canção “Xibom Bombom”, banda “As meninas”)

Há 30 anos, esses versos refletem a estrutura social do meu país. Canto a música para amenizar a dolorosa consciência de que estamos retrocedendo, ou pouco avançando, em ações que diminuam as desigualdades. Ainda refletindo sobre como e quando será possível fomentar políticas reais que corroborem para diminuir o sofrimento dos mais pobres, sigo a rotina diária que me espera, um tratamento dentário muito difícil, seguida de uma cirurgia. A caminho, penso que até um tratamento dentário, no Brasil, ainda é considerado “serviço de elite”. Um salve ao SUS e Clínicas de Família, que recentemente sofreram a pressão de um governo de extrema direita, fascista, que insiste em privatizar e precarizar a assistência de saúde pública brasileira.

A caminho do consultório, no meu carro, paro no semáforo, próximo ao Plaza Shopping, em Niterói. Os shoppings são a personificação do templo capitalista, na sua

máxima expressão leviana em unir consumo e lazer. Somos induzidos ao erro de que consumir é uma forma de lazer e traz algum prazer, ledão engano.

Um menino se aproxima, sem camisa, usando apenas uma bermuda jeans e chinelo, segura nas mãos uma caixa de chocolate, aparenta ter por volta de 10 anos. Logo me chama de tia e oferece o produto. Desde que a pandemia começou, aumentou o número de desempregados e, na mesma proporção, aumentou a quantidade de trabalhadores na informalidade. Passei a andar com dinheiro trocado em notas menores, já estrategicamente posicionadas no vão da porta do carro, para ajudar pessoas nessa condição. O *start* sobre esse assunto, veio no dia em que, voltando para casa, novamente parada no sinal, vi um homem, por volta de 40 anos, vendendo 5 pirulitos a 2 reais, num dia de domingo, às 22 horas. Essa cena me chocou muito, o horário, o valor, o local e a condição daquele que parecia ser um chefe de família, provavelmente, pai de um aluno da rede pública.

Início uma conversa com o menino, pergunto se ele não deveria estar na escola. Ele me diz que sim, porém só tem aula às terças e quintas, devido ao rodízio imposto pelas condições sanitárias. Seu nome é Cauã, morador do bairro de Neves, em São Gonçalo. Questiono o porquê estar tão longe de casa. Ele, encabulado, diz que tem vergonha de que as pessoas conhecidas o vejam nessa situação de vendedor de balas no sinal. Me recordo de outro momento, por volta do ano de 2010, quando eu lecionava numa escola no bairro Fonseca. Um dia, a caminho do trabalho, vi meu aluno, Samuel, auxiliando sua mãe na venda de refrigerantes, na Alameda São Boaventura, no mesmo bairro. Os dois estavam parados ao lado de um isopor e ofereciam seus produtos aos motoristas. Após este evento, Samuel ficou alguns dias ausente das atividades escolares. Os amigos de turma disseram que ele sentia vergonha por eu tê-lo visto na condição de vendedor informal e que, por este motivo, não estava frequentando as aulas. Ao saber disso, durante uns dias, fiquei esperando a mãe do Samuel chegar para sua labuta diária, tinha a intenção de conversar com a responsável sobre o ocorrido.

O encontro não foi muito fácil, uma vez que ela não trabalhava todos os dias. Dependia de recursos para conseguir a mercadoria para poder vender. Até que, num certo dia, o encontro aconteceu. Conversei com aquela mulher, que buscava seu

sustento, era arrimo de família, e pedi que enviasse o aluno para a escola com um refrigerante e que eu pagaria assim que ele chegasse.

Alguns dias depois, vejo o aluno na porta da sala, encabulado, com uma lata na mão. O recebi com um abraço fraterno e logo peguei minha encomenda, mostrando-me feliz em recebê-lo. Assim, por vezes, eu comprava refrigerante, água ou biscoito do Samuel. Dessa forma, além de ajudar na renda da família, mostrei o quanto o trabalho do aluno era digno, ainda que desejasse profundamente que ele não precisasse trabalhar.

Samuel e Cauã são dois personagens da realidade brasileira, que se perpetua devido à crescente desigualdade social. Ainda que um lapso temporal de mais de 10 anos os separasse, a condição das crianças pretas, da periferia, os une, como elementos simbólicos e expressivos dos alunos das camadas populares. Traduzem, através de seus corpos, a herança cultural, histórica, social e desigual que mantém nossas crianças em situações de vulnerabilidade das mais diferentes ordens.

Caberia aqui uma grande reflexão sobre o lugar da criança, sobre o trabalho infantil, todas válidas e pertinentes, porém onde não há política pública efetiva que diminua ou elimine essas condições, é necessário o olhar de quem convive com os alunos da periferia, para a sua realidade e necessidade, sem belos discursos que pouco mudam as suas condições, mas com olhar fraterno e de justiça social.

A essas crianças nunca deveria ser imposta a escolha entre escola e sustento. É cruel insinuar que esses sujeitos tenham opção de escolha. Eles não têm. A maioria continua o caminho traçado por seus pais como única forma de sobrevivência. A nós, cidadãos conscientes, cabe uma única opção: a luta por melhores condições de vida para essas crianças.

Todo dia ela faz tudo sempre igual

Me sacode às seis horas da manhã

Me sorri um sorriso pontual

E me beija com a boca de hortelã

(Canção- Cotidiano, Chico Buarque )

A música faz parte do meu cotidiano, traz leveza para o pesado da vida que cada vez mais vem se tornando rotina diante de tanta desumanidade que vivenciamos. Novamente, o noticiário matinal invade meu dia. Desta vez, a notícia fala sobre um jovem, vendedor de balas, que fazia seu ponto de comércio, a estação das barcas, na praça Araribóia, em Niterói.

Hiago era seu nome. Assassinado pelo aparelho repressor do Estado à paisana, que nunca cessa em fazer uma nova vítima de pele negra. Não é acaso, não é coincidência e não foi sem intenção. Cada vez que uma pele negra é assassinada por quem devia protegê-la, o racismo se afirma, reafirma e consolida.

Foi o Hiago, mas poderia ser o Samuel, o Cauã ou qualquer outro jovem que adentra os portões de nossas escolas diariamente, buscando as fissuras pelas quais possam penetrar e romper com o pensamento dominante. Fazendo valer táticas de resistência, que tentam reconfigurar as relações de força, buscando um movimento de reapropriação do que lhes foi imposto, o lugar do não. Insistem em continuar, diante de todos os obstáculos impostos, numa teimosia bonita, das bonitezas da vida, como diz Freire. Todos nossos alunos, todos que, em algum momento, sentaram/sentam numa carteira escolar e tentaram/tentam seguir o caminho do conhecimento, da compaixão, do respeito, da diversidade, da pluralidade, do afeto, da humanidade.

(Fragmento escrito a partir das reflexões impostas pela realidade da escola pública niteroiense, pela realidade dos alunos das classes populares e pela permanência de um racismo estrutural que vigora neste país, chamado Brasil.)

Milena Monteiro Silva

Junho de 2022